INSPIRAÇÕES FREIREANAS PARA O MÉTODO CONTRA- HEGEMÔNICO DA SOCIOPOÉTICA

FREIREAN INSPIRATIONS FOR THE COUNTER-HEGEMONY METHOD OF SOCIOPOETIC

Eugênia de Paula Cordeiro¹

Ana Márcia Monteiro²

Monaliza Holanda dos Santos³

RESUMO

Neste ensaio teórico nos propomos a apresentar as influências freireanas na Sociopoética enquanto método de pesquisa contra-hegemônico e mais, especificamente: situar a Sociopoética no âmbito da contra hegemonia; articular aspectos do pensamento freireano e as orientações básicas da Sociopoética. Com o propósito de dignificar as vozes oprimidas e a integralidade do ser humano, a Sociopoética visa fomentar a conversão de olhares e atitudes remetendo-nos constantemente ao pensar político-pedagógico de Paulo Freire.

Palavras-chave: Sociopoética; Contra-hegemonia; Paulo Freire.

ABSTRACT

In this theoretical essay we propose to present the Freirean influences in Sociopoetics as a method of research against hegemonic and, more specifically, situate Sociopoetics in the context of counter hegemony; articulate aspects of Freirean thinking and the basic orientations of Sociopoetics. In order to dignify the oppressed voices and the integrality of the human being, Sociopoetics aims to foster the conversion of looks and attitudes by referring constantly to the political-pedagogical thinking of Paulo Freire.

Keywords: Sociopoetics; Counter-hegemony; Paulo Freire.

¹Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Docente do Instituto Federal de Pernambuco - Campus Recife/PE, Colaboradora do Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, orientadora, epaulabenicio@gmail.com

²Doutora em Psicologia (UNIOVI/2013). Psicóloga e docente/pesquisadora do Depto de Psicologia e Orientação Educacionais, Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, co-orientadora, anamarcialuna@hotmail.com

³Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco. Licenciada em Pedagogia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, moninhamona@msn.com. Instituição de fomento/apoio: CAPES

1 INTRODUÇÃO

Longe de ser novidade, é sabido que, ordinariamente, pensamos de acordo com o legado da história da humanidade; porém, essa história não é bem coletiva, visto que os laços entre classes, gêneros, etnias e subgrupos sociais, em inúmeras circunstâncias, têm sido tecidos com base na opressão e não na colaboração (GAUTHIER, 2012). Os processos de colonização, geralmente banhados por subjugação e controle, reverberam – até os dias de hoje – nas múltiplas esferas da sociedade, sendo um desafio constante “superar as diferentes formas de opressão e dominação existentes na sociedade contemporânea, marcada por políticas neoliberais e excludentes” (MENEZES; SANTIAGO, 2014, p.60), como por exemplo, a luta e resistência dos indígenas.

Para fins de elucidação, a Invasão Cultural, seja ela realizada “pacificamente” ou não, implicando profundos mecanismos de alienação os quais configuram uma violência sutil, ou fazem uso da violência ostensiva, ambos levando a cultura invadida a perder sua originalidade, inibe a expansão e criatividade genuínas de um povo ou comunidade (FREIRE, 1987).

74

Nesse sentido, as forças opressoras deambulam quase como quem não encontra limite, influenciam instituições, relações humanas, manifestações culturais, valores, hábitos e bens de consumo, desconfigurando quase que totalmente as raízes culturais dos subjugados. Tudo isso pode ser explicado pelo mito da inferioridade “ontológica” dos oprimidos e da superioridade dos opressores que, ironicamente, cultiva nos oprimidos os germens dos opressores, perpetuando e não superando esses dois extremos que contribuem para a manutenção da violência (FREIRE, 1987). Podemos observar que tais implicações provenientes do cenário cultural, também reverberam na academia, já que muitas de nossas pesquisas, apesar dos avanços notáveis, aparentam seguir por caminhos unilaterais, principalmente, quando priorizamos métodos e abordagens que **despropositadamente** verticalizam as relações entre os diversos saberes das múltiplas culturas, impossibilitando um diálogo legítimo.

A descolonização dos saberes faz-se necessária a fim de fomentarmos uma possível “revolução cultural” no ambiente acadêmico, que se contraponha a práticas hegemônicas. Para tanto, torna-se essencial a compreensão de que:

A descolonização da academia – portanto, das nossas mentes – passa pelo reconhecimento de que existem vários tipos de ciências, tanto válidos como as ciências que cresceram no chão cultural europeu (que chamo de ciências “eurodescendentes”, para que possamos sair da imperialista pretensão à universalidade do saber acadêmico – que criou a palavra “afrodescendente” ou “indígena”, mas que se quer acima de todos esses particularismos) (GAUTHIER, 2015, p.80).

Nessas circunstâncias, precisamos estar vigilantes para nossos modos de fazer pesquisa e práticas pedagógicas. Freire (1987) enfatiza que, conforme uma estrutura social se denota como estrutura rígida, de característica dominadora; as instituições formadoras, que nela se estabelecem, a exemplo de lares, escolas e universidades, não podem fugir às influências das estruturas dominadoras, funcionando como agências de futuros “invasores culturais”. Isso significa que práticas contra hegemônicas e de resistência fazem-se de fundamental importância para ultrapassarmos os estereótipos que oprimem e desumanizam seres humanos, sem desconsiderar o amor e a solidariedade firmados na prática dialógica.

Uma solidariedade que seja troca e não apenas uma ação que apareça só nos momentos em que há alguma forma de agressão. Seria necessário criar uma solidariedade preventiva. Um diálogo que construísse encontros, reflexões entre as diversas culturas no sentido de respeito de umas pelas outras e como cada uma pode estar contribuindo para que as opressões, violências, diminuições possam ser superadas no interior de cada cultura e fora delas. (GAUTHIER, 2001, p.113).

75

É na égide de uma perspectiva dialógica que podemos despontar formas de libertar ao invés de oprimir ainda mais. Para tanto, “quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora?” (FREIRE, 1987, p.17). A exemplo disso, o memorável educador, Paulo Freire, inaugura um movimento para pensar a opressão nos diversos cenários sociais e políticos através de sua obra “Pedagogia do Oprimido”.

No que diz respeito, especificamente, ao âmbito educacional, Freire (1987) aponta que a pedagogia, ao partir dos interesses egoístas dos opressores – muitas vezes disfarçada de uma falsa generosidade – faz dos oprimidos **objetos** de seu humanitarismo. Esse pensamento, apesar de referido à prática pedagógica, provoca um olhar diferenciado para o modo de se fazer pesquisa não apenas na educação, mas também nas ciências humanas e sociais. Freire (1987) nos alerta para opressões que inclusive se apropriam cada vez mais da ciência como um instrumento para suas finalidades e salienta que “os oprimidos, como **objetos**, como quase

‘coisas’, não têm finalidades. As suas, são as finalidades que lhes prescrevem os opressores” (FREIRE, 1987, p.26, grifo nosso).

Não são raras às vezes em que nos deparamos com discussões e reflexões – sejam elas acadêmicas ou não – em torno de temáticas como violência, opressão, dominação, humilhação entre outras que ferem a dignidade humana. Entretanto, apesar da pertinência, o caminho ainda segue tortuoso e alongado se pretendemos cultivar relações horizontais e humanizadas, inclusive nas pesquisas científicas. Trazemos esse pensamento porque,

Numa pesquisa de doutorado, uma das maiores e mais respeitadas autoridades indígenas perguntou, após a finalização da sua entrevista: “Respondi corretamente?” O entrevistador ficou com vergonha, pois um sábio e cientista na sua cultura estava se colocando em posição de aluno frente ao professor, enquanto a posição ética do pesquisador pretendia o oposto, ou seja, que os pesquisadores acadêmicos aprendessem com humildade dos seus informantes. (GAUTHIER, 2015, p.79).

Esse posicionamento da grande autoridade indígena, diante do pesquisador acadêmico, acaba por revelar uma relação desigual entre saberes e entre culturas, na qual, compreendemos que a ciência eurodescendente possui certa supremacia em detrimento de outras. Essa perspectiva coaduna com o seguinte questionamento: será que nós educadores (as) estamos contribuindo, ainda que inconscientemente, para um fosso cultural entre indígenas, afro e eurodescendentes? A exemplo, citamos pesquisas com comunidades indígenas, as quais nutrem uma relação epistemológica com a natureza. Porque “considero óbvio que, na lógica descolonizadora que queremos, a ciência indígena possui os mesmos títulos de nobreza que a ciência eurodescendente” (GAUTHIER, 2012, p.23). Por outra forma, não estaríamos perpetuando mecanismos de opressão contra os saberes não acadêmicos, os povos colonizados, aqueles que habitam as margens e contra a Natureza? Devido à realidade de que,

Nós, pensadores eurodescendentes, temos dificuldade epistemológica para entrarmos nesse tipo de pensamento onde a Natureza se torna sujeito do direito. Temos a ampla tradição de instrumentalização da Natureza, das plantas, dos animais, e também, dos seres humanos. Colocamos o ser humano acima da Natureza, com direitos sobre ela, quando não o colocamos [...] fora dela! (GAUTHIER, 2012, p.21).

Ademais, faz-se mister sublinhar que “lutar contra a colonialidade do saber **não significa desprezar as conquistas da cultura europeia**, por certo colonizadora, mas que não pode ser reduzida ao seu contexto político e econômico” (GAUTHIER, 2012, p.23, grifo

nosso). Ou seja, não se trata de rechaçar o conhecimento eurodescendente, e sim defender uma perspectiva transcultural de se fazer pesquisa. Nessa ótica, apresentamos neste ensaio teórico a abordagem de pesquisa intitulada “Sociopoética” que, baseada na inter e transculturalidade, proclama a igualdade, sem desconsiderar, a heterogeneidade dos saberes indígenas, afro e eurodescendentes.

Temos por objetivo geral apresentar influências freireanas na Sociopoética, enquanto método de pesquisa contra-hegemônico. Mais especificamente: 1. Situar a Sociopoética no âmbito da contra hegemonia; (conforme apresentado nos parágrafos acima). 2. Articular aspectos do pensamento freireano e as orientações básicas da Sociopoética; (apresentados no tópico abaixo).

2 ORIENTAÇÕES BÁSICAS DA SOCIOPOÉTICA E INFLUÊNCIAS FREIREANAS

A Sociopoética consiste em um método de pesquisa criado, aproximadamente em 1994, pelo filósofo e pedagogo Jacques Gauthier, cuja fonte de inspiração foi o desenvolvimento de sua tese de doutorado em Ciências da Educação, junto à comunidade Kanak, da Nova Caledônia, em 1993, nessa época ainda uma possessão francesa. Tal abordagem se constitui com base numa combinação de diversas orientações metodológicas e teóricas,

que marcaram as décadas de 60 e 70 e continuam inspirando pesquisas inovadoras: análise institucional, pesquisa-ação e pesquisa participante, pedagogia do oprimido, grupos operativos, arte-educação, pedagogia simbólica etc. (GAUTHIER, 2012, p.75).

Gauthier alerta que “a sociopoética não é um novo referencial teórico, e sim um ‘método’ (no sentido amplo de *caminho, dispositivo, metodologia aberta ao inesperado*) de pesquisar, educar, cuidar... isto é, agir” (2001, p.22, grifo do autor). Destarte, Gauthier (2012) declara que a Sociopoética é – no sentido dado por Edgar Morin – um caminho que se faz caminhando, atento à experiência radical que a poesia propõe, por isso mais aberto para o imprevisto do que seria uma metodologia. Em lugar de descrever o que é dado, como faz o uso positivista e utilitarista da linguagem, se afasta do julgamento comum e pretende ir até o limite da potência de criar o mundo (GAUTHIER, 2004).

O método, de acordo com Silveira *et al.* (2008), foi criado por meio de uma combinação de conhecimentos trazidos basicamente da Pedagogia do Oprimido (Paulo Freire), da Análise Institucional (René Lourau e George Lapassade) e da Esquizoanálise (Gilles Deleuze e Félix Guattari)⁴. Ademais, segundo Jacques Gauthier (2012), para além de uma abordagem de pesquisa, a Sociopoética possibilita sua aplicação no ensino e na aprendizagem, que se baseia em cinco orientações básicas: a primeira é a instituição do **grupo-pesquisador** como dispositivo, no qual cada participante da pesquisa está ativo em todas suas etapas. Segundo Gauthier (2012), o hífen da palavra faz-se necessário porque não se trata de um grupo que pesquisa, mas de um ser coletivo, grupo-sujeito do seu devir e produtor de conhecimentos, pois sua preocupação estava em permitir “que os grupos ‘objetos’ das pesquisas acadêmicas se tornassem ‘grupos sujeitos’ com referência aos **Círculos de Cultura de Paulo Freire**, aos Grupos Operativos de Pichon-Rivière, à Análise Institucional e à Socianálise”⁵ (GAUTHIER, 2015, p.79-80, grifo nosso).

No que diz respeito ao Círculo de Cultura freireano, não há professor, mas sim, um coordenador disposto a propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo sem intervir diretamente no curso do diálogo (FREIRE, 1987). Compreendemos que esse coordenador tem proximidades com o ou a facilitador(a) da pesquisa Sociopoética, sendo este(a) um membro de destaque do grupo-pesquisador (o ou a pesquisador(a) profissional, acadêmico(a) ou oficial. Seu papel é interferir o mínimo possível e de maneira metódica, com o intuito de trazer as condições para que se institua um coletivo responsável e autogerido, onde as relações de poder, saber e desejo sejam visíveis e compartilhadas (GAUTHIER, 2012). Uma das exigências do criador da Sociopoética é de

elaborar cooperativamente, com a participação **ativa e dialógica** de todos os participantes da pesquisa, co-pesquisadores, a crítica, não apenas do concebido, mas também do percebido e do vivido – o que não se pode fazer sem mobilizar potentes afetos (GAUTHIER, 2001, p.25, grifo nosso).

Para atendermos a essa assertiva, se faz essencial ouvimos para ouvir os silenciados histórica e cotidianamente pela opressão, “é preciso primeiro que, os que assim se encontram

⁴ Neste ensaio nos propomos a dialogar apenas com Paulo Freire

⁵ Para fins do trabalho em tela, nos deteremos aos Círculos de Cultura

negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que esse assalto desumanizante continue” (FREIRE, 1987, p.45). E não poderíamos mobilizar afetos sem considerar o corpo como potência criadora, dado que:

O corpo é o lugar [...] em que as entonações, os gritos e sussurros expressam o que escapa da ordem semântica: da intencionalidade racional, das classificações políticas impostas entre o que pode ser dito e como, e o que não pode ser expresso. Nossas pesquisas não podem perder essa dimensão, particularmente explícita nas classes populares, da constituição do sentido das práticas sociais pelos sujeitos das pesquisas educacionais (GAUTHIER, 2004, p.131).

Partimos do pressuposto de que o corpo fala, ele não deixa de ser a voz, o grito e o sussurro dos oprimidos.

Obviamente, as forças conservadoras tentam se proteger da sociopoética, que é revolucionária pela nova forma de construir o conhecimento [...], forma que favorece a tomada de poder das pessoas do povo, [...] no processo de construção do conhecimento (GAUTHIER, 2001, p.29).

Nessa ótica, como segunda orientação, a sociopoética preza pela valorização das culturas dominadas e de resistência que foram marginalizadas tanto pela colonização como pelo capitalismo, assim apontando para outras maneiras de interpretar o mundo, não eurodescendentes e que inclusive possuem modos diferentes de interpretar os dados de pesquisa, produzindo esses dados nas próprias formas dessas culturas, onde o corpo é primordial.

A terceira orientação afirma que os sociopoetas pretendem conhecer, pensar, pesquisar, aprender com o corpo por inteiro, ao equilibrarem as potências da razão pelas da emoção, das sensações, da intuição, da gestualidade, da imaginação. Muitos saberes, por terem sido reprimidos nos nossos nervos e músculos por opressões diversas, ou por pertencerem à ordem do sagrado, da dança ou do silêncio, não se expressam por palavras. É fundamental para quem pretende romper com mecanismos opressores e hegemônicos, possibilitar minimamente que o inconsciente, através da arte, habite tanto as práticas pedagógicas quanto as pesquisas em educação. Compreendemos, então, que a arte é uma importante dimensão na Sociopoética, por possibilitar a expressão daquilo que ficou recalcado no corpo.

Essa preocupação epistemológica e metodológica com a mobilização do inconsciente como fonte fundamental de dados ecoa diretamente como uma exigência nossa: dar vez e voz aos oprimidos e marginalizados, não somente como

produtores de dados cuja experiência da vida e prática social merecem todo nosso cuidado, e sim como atores e atrizes na aventura científica. (GAUTHIER, 2012, p.75).

A quarta orientação evidencia, ainda mais, que a Sociopoética enseja a arte, visto que os sociopoetas privilegiam formas artísticas de produção dos dados que provocam o corpo inteiro e revelam fontes não conscientes de conhecimento, favorecendo a desconstrução dos corpos assim como a eclosão de devires e desejos imprevisíveis. Fontes essas que não poderiam emergir em formas convencionais de pesquisa tais como entrevistas, as quais são mais significativas após o estudo coletivo das produções artísticas, no sentido de precisar, aprofundar ou ampliar os problemas construídos.

Como quinta orientação, Jacques Gauthier confirma que os sociopoetas insistem na responsabilidade espiritual, ética, noética e política do grupo-pesquisador, o qual não é posse dos pesquisadores “profissionais”, nem somente voltado para o mundo acadêmico, mas sim deve envolver os desejos e necessidades dos grupos que acolhem as pesquisas.

Daí, contemplamos que, disposta a produzir os germes de uma nova ciência, seja eticamente participativa, politicamente compartilhada, epistemologicamente dialógica e ampliada, a abordagem Sociopoética encontra-se no “**entrelugar**” do pensamento das culturas tradicionais (indígenas e afro descendentes) e do pensamento científico eurodescendente (GAUTHIER, 2012).

Em suma, “o pensamento político-pedagógico de Paulo Freire está sempre em movimento e dialoga com diferentes questões contemporâneas” (MENEZES; SANTIAGO, 2014, p.59) que coadunam com o método de pesquisa da Sociopoética, buscando a confluência do rigor científico, a imaginação poética e artística e a atenção às energias da natureza e do corpo.

3 CONCLUSÃO

A Sociopoética se configura, portanto, como uma possibilidade de ruptura para com a opressão de modo geral e, especificamente, no âmbito educacional. Outrossim, se constitui num possível percurso para se pensar a transculturalidade, que consiste, segundo Gauthier (2012), na união entre saber e sabedoria, conceito e ancestralidade na tentativa de galgar o

projeto de uma ciência espiritualizada, que em vez de excluir e cortar, integra e junta “sem apagar as diferenças, sem negar as dominações, humilhações e opressões, sem homogeneizar nem globalizar o que é diferente e heterogêneo” (GAUTHIER, 2012, p.11). Favorável a práticas pedagógicas dialógicas e libertadoras da opressão e subjugação, a pesquisa Sociopoética, tendo como uma das inspirações o pensar freireano, acredita que:

Colocar em posição de dialogicidade a leitura dos dados da pesquisa – a partir dos referenciais populares de um lado, e a partir dos referenciais acadêmicos de outro, não é apenas uma maneira de prolongar a obra de Paulo Freire no mundo da pesquisa, mas também, de fecundar a pesquisa acadêmica: tantas dissertações e teses são pouco criadoras, por repetirem sempre as mesmas bibliografias, verificando de maneira endógena e endógama que mais uma vez tal ou qual grande autor tem razão e permite admiravelmente explicar o material encontrado na pesquisa de campo! (GAUTHIER, 2015, p.80-81)

Conversão de olhares e atitudes é o que nos instiga constantemente o célebre educador Paulo Freire, assim como a abordagem Sociopoética, ao acreditar que, na parceria com os outros, e ainda mais com outros de fortes diferenças culturais, existe a possibilidade de superar nossos limites e destruir as barreiras que construímos para sustentar nosso eu desconectado e cortado das energias materiais e espirituais da natureza e da comunidade (GAUTHIER, 2012).

Essa desconexão se exemplifica quando consideramos que “a tradição científica eurodescendente cortou o corpo sensível e emocional, assim como a cabeça intuitiva, da cabeça racional” (GAUTHIER, 2012, p. 13). Defendemos a pesquisa Sociopoética em educação, de modo que o acadêmico converta o olhar “aceitando a integração do olhar do não acadêmico na elaboração científica como necessidade crítica em relação aos seus próprios saberes” (GAUTHIER, 2012, p.29) com o propósito de dignificar as vozes oprimidas e a integralidade do ser humano.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GAUTHIER, Jacques *et al.* **Uma pesquisa sociopoética: o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

_____. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. **Revista Brasileira de Educação**. n. 25. p.127-142, Jan/Fev/Mar/Abr. 2004.

_____. **O oco do vento**: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. 1ª ed. Curitiba, PR: CRV, 2012.

_____. Sociopoética e Formação do Pesquisador Integral. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v.4, n. 1, p. 78-86, 2015.

MENEZES, Marília Gabriela de; SANTIAGO, Maria Eliete. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **Pro-Posições**, v. 25, n. 3 (75), p.45-62, set./dez. 2014.

SILVEIRA, Lia Carneiro *et al.* A sociopoética como dispositivo para produção de conhecimento. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.12, n.27, p.873-81, out./dez. 2008.

Submetido em: 19/12/2018
Aprovado em: 06/02/2019